

## ENTREVISTA COM MIA LECOMTE

Shirley de Souza Gomes Carreira



Mia Lecomte nasceu em Milão, filha de pai francês e mãe italiana e passou grande parte da infância e adolescência na Suíça, onde reside atualmente. Com formação comparativa, dedica-se à literatura transnacional de língua italiana e em particular à poesia, da qual é uma das principais estudiosas. Poeta, narradora, tradutora e autora infantil, suas publicações incluem as antologias poéticas *Terra di risulta* (2009), *Intanto il tempo* (2012), *Al museo delle relazioni interrotte* (2016) e *Lettere da dove* (2022); a coleção de contos *Cronache da un'impossibile* (2015) e os livros infantis *L'Altracittà* (2010) e *GliSpaesati/LesDépaysée* (2019). Traduzidos para vários idiomas, seus poemas estão presentes no exterior e na Itália em revistas e antologias. Em 2009 concebeu e fundou a Compagnia delle Poete.

**P.: Mia, meu primeiro contato com a sua poesia foi por meio do saudoso comparatista Armando Gnisci, nosso amigo comum. Desde essa época, tenho acompanhado com interesse o lançamento dos seus livros e a sua carreira acadêmica também. Gostaria que nos falasse sobre como surgiu sua vocação para a literatura.**

**R.:** Minha “vocação” literária nasceu na infância como um aprendizado de ver e ouvir. Por imitação, como costuma acontecer com as crianças. Meu pai Yves era poeta e o mundo me foi revelado pelas lentes da poesia, a dele e a dos poetas que ele lia para mim, que então, com o tempo, se tornou minha, parte de mim, o cristalino necessário para focar o interno e realidade circundante. Com espanto, pena, ironia e aquele salto repentino e imprevisível que contorna as conexões lógicas para criar uma imagem significativa. Sentir. Desde criança, meu pai me envolveu na tradução de seus textos do francês para o italiano. “Ouve – disse-me ele – tem que soar assim”. Isto aconteceu na nossa casa, nos quartos que partilhávamos, numa intimidade emocional feita de palavras. Obriguei-me a “ouvir” e depois reproduzir o som da sua linguagem e tudo o mais que nos unia naquele momento, tudo o que estava acontecendo entre as palavras que se encontravam no papel e entre nós.

Ver e ouvir protegidos, juntos. Acredito que é disso que é feita a minha necessidade de literatura.

**P.: Sua formação em Literatura Comparada, com certeza, deve ter influenciado bastante a sua escrita literária. Como você vê esse entrelaçamento entre a acadêmica e a escritora?**

**R.:** A minha escrita nasceu da tradução, justamente, entre línguas, numa dinâmica de comparação e troca. E esse “movimento” gerou também a necessidade de reflexão sobre os motivos e perspectivas dos trânsitos, travessias e contaminações. Formei-me em Florença, com um comparatista como Giovanni Parenti, aluno de Domenico De Robertis. E depois houve os quase vinte anos de colaboração com Armando Gnisci, que você mencionou, tão querido por seus alunos na Sapienza quanto subestimado pela miopia de seus colegas. Um precursor, iluminado e profético, que ainda espera ser celebrado como merece. E depois houve o doutorado na Sorbonne com Jean-Charles Vegliante, grande estudioso dos trânsitos poéticos, tradutor e poeta: a soma de todas as minhas necessidades e ambições. No que me diz respeito, a investigação, a tradução e a escrita pessoal encontraram um compromisso frágil entre si ao longo do tempo, que

deve ser constantemente repensado e renegociado, mas que, para o bem ou para o mal, parece durar. A estes acrescenta-se a fotografia, que pratico em combinação ou alternando com a poesia desde menina – mesmo não tendo os instrumentos técnicos para me definir como fotógrafa – e que me permite parar, surpreender algo caso contrário, ligado a esse “ver” de que falei antes, mas de uma forma mais profunda e complexa do que poderia ser entendido trivialmente.

**P.: Em um artigo escrito para a *Revista Brasileira* 64, Vera Lúcia de Oliveira, escritora brasileira radicada na Itália, assim definiu a relação do escritor com sua pátria:**

Para os escritores, a pátria pode ser um país, uma língua, uma história, o próprio corpo, a memória, a remoção do passado e o vazio que deriva desse processo e que impõe a necessidade de recompor uma nova identidade em outro lugar, em outro idioma. Pode ser também uma mala, com poucos objetos salvos de uma vida anterior, que eles arrastam como as paredes da alma, como caracóis levando nas costas suas casas.

**Você nasceu na Itália, tem ascendência francesa e mora na Suíça, portanto, a sua própria história de vida está impregnada dessa multiplicidade de referentes culturais. Como funciona o sentimento de pertencimento no seu**

**caso? Como esse trânsito entre línguas e culturas afeta a sua vida e a sua poesia?**

**R.:** Na realidade as minhas referências culturais são contíguas, sempre me desloquei entre países – Itália, Suíça e França – que são cultural e linguisticamente próximos; a minha é uma pequena migração intra-europeia, muito diferente daquelas que conheci mais tarde como estudiosa de autores transnacionais. Uma migração “de chinelos”, costume defini-la, à porta de casa. E sou absolutamente monolíngue, no sentido de que a minha linguagem literária foi e sempre será italiana. O que “desorienta” a minha escrita de vida está enraizado, mais profundamente, numa incapacidade de “ficar” que nasceu precisamente dentro do ver-sentir poético, como acabo de dizer, e de uma visão mais amplamente “espiritual”, que não pode contemplar as raízes e muito menos as razões absolutas de uma identidade política nacional. E o que continua a impedir-me de fazer da literatura que escrevo e estudo uma profissão, com as regras e privilégios que a identificariam como tal.

**P.:** **Você tem sido uma importante difusora da literatura transnacional em italiano, tendo, inclusive, editado uma importante antologia intitulada *New Map: The Poetry***

***of Migrant Writers in Italy. Como é a recepção dessa literatura migrante na Itália hoje?***

**R.:** Hoje preferimos falar de literatura transnacional em vez de literatura migrante. Mas, no fundo, parece-me que, à parte os especialistas – alguns estudiosos esclarecidos de alguns departamentos universitários – na Itália não há qualquer atenção crítica para os escritores “em trânsito” entre culturas e línguas, que ainda são superficialmente rotulados com critérios que vão além do seu valor literário e não levam em conta a complexidade do seu percurso. Durante meu período acadêmico em Paris, em 2014, preferi ampliar ainda mais a perspectiva de investigação e minha pesquisa de doutorado produziu um estudo lançado na Itália em 2018 com o título *Di un poetico altrove* (Franco Cesati ed.) que analisa a escrita italiana transnacional falante de 1960 a 2016, tentando fornecer um mapeamento completo dos autores e fazer um balanço do presente e dos possíveis desenvolvimentos futuros. Entretanto, em 2017 fui cofundadora da *Lingua franca* ([www.linguafrancaonline.org](http://www.linguafrancaonline.org)), uma agência literária transnacional composta por um coletivo de escritores, investigadores e tradutores que operam entre França e Itália, todos formados em

questões transculturais e de longa data, tempo envolvido nos caminhos das literaturas transnacionais. Ao longo dos anos, um grupo internacional de colaboradores externos foi adicionado ao grupo inicial de fundadores. A agência organiza festivais, leituras, oficinas de escrita e, sobretudo, projetos de tradução/edição. O que o distingue é a atenção dedicada ao texto, para lhe devolver aquela voz para além da linguagem que caracteriza a melhor literatura em trânsito do nosso século. Ao promover o multilinguismo e a literatura transnacional, a *Lingua franca* pretende contribuir para a criação de uma consciência política democrática e inclusiva, que seja o ponto de partida para uma diversidade cultural globalizada. Na primavera de 2023, a Agência iniciou o blog coletivo homônimo de tradução poética para o jornal *Il Fatto Quotidiano* (<https://www.ilfattoquotidiano.it/blog/linguafranca/>).

**P.: Dentre as suas muitas atividades, há a de tradutora. Quais são os maiores desafios para um tradutor que também é escritor?**

**R.:** Como já disse, comecei a traduzir antes de escrever. Ao longo dos anos, além do francês ou do inglês, traduzi algumas vezes de línguas que desconhecia, sem necessariamente recorrer a traduções intermediárias,

geralmente trabalhando diretamente com poetas, munida de numerosos dicionários das línguas de origem e de destino, e guiada pela musicalidade dos versos nessas línguas desconhecidas, recitados em voz alta pelos próprios autores. E também continuei a trabalhar muito com autores alófonos que estavam começando a se traduzir para o italiano, para ajudá-los a fazer com que sua poesia ressoasse inteira em outros lugares. O desafio da poesia e da sua tradução é o mesmo: a conquista daquela atitude indispensável para considerar também a língua materna como língua estrangeira.

**P.: Você foi uma das fundadoras da revista *El Ghibli*, dedicada à literatura de imigração, é uma das redatoras da revista de poesia comparada *Semicerchio* e da revista do festival anglo-francês de poesia *La Traductière*, além de colaborar também com a edição italiana de *Le Monde Diplomatique*. Além de exercer todas essas atividades, você também criou a “Compagnia delle poete”. Você poderia nos falar sobre o surgimento e a proposta desse grupo de poetas?**

**R.:** A “Compagnia delle poete” ([www.compagniadellepoete.com](http://www.compagniadellepoete.com)) nasceu em 2009. É um grupo poético-teatral inteiramente feminino que se expressa



em performances caracterizadas pela contaminação de culturas, línguas e linguagens artísticas. É composto por todos os poetas estrangeiros e ítalo-estrangeiros que partilham uma escrita predominantemente de língua italiana, cada um com uma história pessoal de migração, apoiados na criação dos espetáculos por artistas que trabalharam internacionalmente, transitando entre diferentes experiências e linguagens. A ideia é a de uma espécie de “orquestra” que harmoniza a poesia de cada poeta, influenciada por diferentes tradições linguísticas e culturais, em performances em que a palavra é sustentada e ampliada por múltiplas ressonâncias artísticas. E segundo uma estrutura “modular”, que modifica e adapta de palco para palco a fórmula básica sobre a qual o espetáculo é construído. Objeto de estudos e teses universitárias, a empresa participa em workshops de escrita e tradução, e em seminários e conferências acadêmicas italianas e internacionais sobre trânsitos literários multilíngues entre literaturas; também é curador de projetos coletivos de tradução de poesia contemporânea. Desde 2009, ela tem sido frequentemente convidada para levar seus shows ao redor do mundo, em vários teatros, festivais e shows. Gostaria de recordar aqui em particular a experiência extraordinária do mês de junho passado: o espetáculo *La*

*casa fuga/La maison de hors*, que apresentei em Calcutá, na Índia, com quatro poetas locais, cada um na sua própria língua. Uma casa lá fora foi pensada e pensada remotamente, em sessões zoom, e depois ensaiada durante uma semana no local com poetas e músicos. O resultado foi um coral surpreendente e comovente, em quatro idiomas – bengali, hindi, inglês e italiano. Um pequeno documentário, visível no Youtube, foi dedicado a esta milagrosa aventura humana e linguística, possibilitada pela irmandade poética: <https://www.youtube.com/watch?v=pqim2oYHSAA>. Espero em breve poder trazer *The Home Outside* para o Brasil, interagindo com poetas de língua portuguesa e indígena.

**P.: Você publicou 11 livros de poesia, 6 livros para crianças, 1 livro de prosa, intitulado *Cronache da un'impossibilità*, além de ensaios, coletâneas, etc. É uma produção de peso. Seu último livro de poemas *Lettere da dove*, publicado em 2022, contém uma escrita intimista endereçada a um destinatário desconhecido. A imprecisão do lugar de onde o eu lírico fala perpassa os poemas. Como foi a elaboração desse livro?**

**R.:** *Lettere da dove*, minha última coleção publicada seis anos depois da anterior, *Al museo delle relazioni interrotte*,

é composta por cinco seções. Na primeira, o destinatário das próprias “cartas” é melancólico identificado como XYZ: três iniciais que representam o fim do alfabeto, a beira do abismo, que inclui a vaidade de todas as variantes anteriores e o horizonte desabitado que se segue. Seguem-se as seções “Agenda senza stagioni”, doze horas sem rumo, ligadas aos locais alpinos da Alta Engadina, na Suíça; “Nuda proprietà”, com textos dedicados à vida desabitada, criados em grande parte para *La casa fuori*, penúltimo espetáculo da Compagnia delle poete; “Motivetti”, intervalo musical resultante dos sons das linguagens da memória; e “Adeus”, para acompanhar com alguma graça o que já foi largamente descartado. O “onde” do título é na verdade uma pergunta, uma escuridão nunca satisfeita em perguntar, sem resposta. Até a minha última coleção publicada em tradução francesa, *Là où tu as ton corps*, já no título ressoava com aquele “onde”, o advérbio perdido para explicar a suposta encarnação. A impermanência é a bússola que direciona o estado dos meus versos. O resultado é sempre um vazio pálido, prestes a acabar. Não cabe a mim dizer de onde vem essa ausência de coordenadas espaço-temporais, é sempre difícil ver o que espuma por si só. Imagino que tenha a ver com o meu percurso biográfico, que também levou aos meus estudos

e pesquisas no campo das literaturas transnacionais. Mas talvez tudo já estivesse lá antes, desde o início, na certeza infantil de uma morte iminente, ou na tensão perene por um caminho espiritual. Na necessidade de ironia, para reduzir expectativas e ambições contingentes. Aqui estão as duas palavras que mais retornam na última coleção: o espaço entre elas delimita o lugar da minha poesia.

**P.: Aqui no Brasil ainda temos alguma dificuldade em relação à publicação de livros de poesia. Há, claramente, um predomínio do romance e de narrativas curtas. Qual é o mercado e como é a recepção de livros de poemas na Itália atualmente?**

**R.:** Na Itália, a poesia aparentemente parece gozar de grande interesse. Como demonstrado este ano em particular pela criação da secção de Poesia do famoso Prémio Strega. É tudo um florescimento de prêmios, rankings, festivais, leituras, performances, *slams*, debates [...]. São muitas as editoras de poesia médio-pequenas que se juntam às grandes especialmente para a publicação de jovens e estreantes; e as revistas, em grande parte eletrônicas, dedicadas à poesia italiana e estrangeira. O problema parece ser antes a inação da crítica, que não ajuda a sair do mar de uma oferta de níveis desiguais, e

mais geralmente a incapacidade generalizada de distinguir e reconhecer o que é verdadeiramente poesia da produção em verso que parece que gostamos mais de visibilidade e feedback. O que influencia um mercado editorial de pequeno número – mesmo que aparentemente animado – são critérios absolutamente extraliterários, como o tema escolhido, a capacidade performativa do suposto poeta, a sua visibilidade nas redes sociais – para as mulheres até a idade ou a aptidão física – bem como as clássicas lógicas clientelistas e políticas, fragmentadas numa realidade muitas vezes regional sufocada pelo provincianismo. Todos os problemas que dizem respeito à cultura em geral, o fim do conhecimento e do pensamento complexo, a incapacidade de escapar à banalização pop imposta pelos meios digitais e pelas redes sociais, onde o obscurantismo censitário, a exibição das boas intenções aprovadas pelo sistema e suas campanhas atuais prevalecem sobre a livre criatividade da literatura e da arte.

**P.: Você estará no Brasil em 2023 em atividades acadêmicas. Quais são os seus planos para essa estada?**

**R.:** Estarei na Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Assis para um pós-doutorado de seis meses (junto ao Programa de Pós-Graduação (PPG) em Letras, da

Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis, proposto pelo projeto de cooperação internacional: “T1P4 – Linguagens e produção de conhecimento”, no T1 – Sociedades Plurais). A pesquisa, com as aulas, focará nas relações entre a poesia italiana e a poesia brasileira durante a segunda metade do século XX e a primeira década do XXI. Minha formação como comparatista, na verdade, são quase trinta anos de estudos focados em autores transacionais de língua italiana, em particular poetas, que me permitiram, ao longo do tempo, conhecer alguns poetas brasileiros que se mudaram para a Itália em diversas funções e passaram a escrever em italiano: a partir do Murilo Mendes de *Ipotesi*, até os autores mais recentes. Eu me aprofundarei na obra desses autores de língua italiana ou bilíngues e espelharei a dos poetas italianos que residiram no Brasil no mesmo período de tempo, entrelaçando uma relação expressiva, literária e artística com a nova cultura e sua linguagem. Os poetas italianos e brasileiros analisados podem todos, de alguma forma, ser definidos como “dissidentes”, exilados, ou autoexilados, de seus países de origem, Brasil e Itália, justamente por discordarem do regime político vigente, ou simplesmente de suas políticas culturais. Em todo o caso, são poetas com uma relação contrastante com a sua

terra natal, saindo muitas vezes do radar das respectivas literaturas nacionais, não enquadrados pelo cânone. A produção da chamada literatura transnacional pode, em todos os aspectos, ser considerada a verdadeira vanguarda do nosso mundo globalizado. O estudo cruzado dos poetas que, durante os séculos XX e XXI, entre a Itália e o Brasil, procuraram (e procuram) um outro lugar para a sua voz literária, permite-nos evidenciar ainda mais as profundas relações culturais que unem os dois países, e destacar novos espaços literários onde essas relações possam interagir livremente, fora do controle dos centros de poder e do mercado.

**Shirley de Souza Gomes Carreira**

Doutora em Literatura Comparada.

Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq; pesquisadora da FAPERJ e Procientista UERJ/FAPERJ.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7147623689731561>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8787-8283>.

E-mail: [shirleysgcarr@gmail.com](mailto:shirleysgcarr@gmail.com).